1967, mas pode chamá-lo de 1968

Ruy Castro

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 19-21 · 2017

Resumo

O autor descreve como foi, aos 19 anos, viver na própria pele a revolução política e cultural que veio a ser conhecida em 1968 e que se antecipava no Rio de Janeiro em 1967.

Palavras-chave

1967; 1968; revolução cultural e política.

RUY CASTRO é escritor e jornalista. Nascido em fevereiro de 1948, tinha 19 anos em 1967. Participou de tudo o que descreve no texto e muito mais.

RBP50-5 PR-3 (LIVRO)_2015.indb 19 30/03/17 15:06

Para quem veio depois, o ano que ficou na História foi 1968. Mas, para os que estavam lá, 1968 começou antes, em 1967, e com tudo o que um dia ficaria associado ao seu sucessor. Pelo menos, no Rio. Eu tinha 19 anos e estava lá. E não queria ter essa idade em nenhum outro lugar ou época do mundo.

Foi um ano de estreias. As meninas do primeiro ano de ciências sociais da Faculdade Nacional de Filosofia (Fê-nê-fi) foram as primeiras a ir à aula, no centro da cidade, de calças compridas – e ainda bem, porque os estilhaços das bombas jogadas pela polícia nas passeatas contra a ditadura feriam as pernocas das que iam de minissaia. Primeiras também a entrar regularmente em farmácias para comprar a pílula – que então só se vendia com receita médica. E primeiras a fazer um balanço e descobrir que, ao fim do primeiro semestre, só restava uma virgem entre elas (problema logo resolvido). Foi o primeiro ano do sexo sem culpa – ou quase.

Foi o ano em que todos lemos Aldous Huxley (*As portas da percepção*), Henry Miller (*Sexus*) e Herbert Marcuse (*Eros e civilização*), e brigamos e fizemos as pazes por causa dos Beatles (*Sgt. Pepper's*), Godard (*Pierrot le fou*) e Marshall McLuhan (*The medium is the massage*). Pois é, nem tudo era unanimidade.

Poucas horas antes de sair para uma passeata, eu estava discutindo teoria literária com Marcos, um dos líderes estudantis – ele defendendo o húngaro György Lukács; eu, o alemão Walter Benjamin (isso sim é que era combinar o pensamento à ação!). E, poucas horas depois, eu estava sendo atirado num camburão e levado preso para

o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), no qual entrei como estudante (que era), e do qual saí, na mesma noite, como jornalista, que também era – "foca" do *Correio da Manhã*, o jornal mais temido do país.

Foi o ano em que os jovens saíram de casa. Eu saí da minha e fui morar no Solar da Fossa, em Botafogo, um covil de rapazes e moças românticos, bonitos e duros – e, não podíamos saber, todos futuramente famosos. Ali germinaram o tropicalismo e a contracultura.

Na noite de 31 de dezembro, eu e um grupo saímos a pé pelo Túnel Novo, para a passagem do ano em Copacabana. Mas, por excesso de fuzarca dentro do túnel, atrasamo-nos na travessia. Quando chegamos ao outro lado, os fogos estouraram e já era 1.º de janeiro de, olha só, 1968.

1967, pero puede llamarlo 1968

El autor describe como fue, a los 19 años, vivir en carne propia la revolución política y cultural que fue conocida en 1968 y se anticipó en Rio de Janeiro en 1967.

PALABRAS CLAVE: 1967; 1968; revolución cultural y política.

1967, however, you can call it 1968

The author describes his own experience, as a nineteen-year-old adolescent, of the political and cultural revolution. The revolution became known in 1968, despite having started before, in 1967, in Rio de Janeiro.

KEYWORDS: 1967; 1968; cultural and political revolution.

Ruy Castro
catsmeow@terra.com.br